

## OBJETIVIDADE: CATEGORIA JORNALÍSTICA MITIFICADA

**Antonio Hohlfeldt**

PUCRS

Recente trabalho pesquisou os principais critérios utilizados na construção do texto jornalístico, a partir de alguns dos mais conhecidos autores que têm abordado a matéria<sup>ix</sup>. Esses critérios constituiriam o que se convencionou denominar de *categorias jornalísticas*. Num total de vinte e um livros pesquisados, de que a maioria foi composta por autores brasileiros (dezesseis sobre os vinte e um), encontrou-se um total de dezenove itens, tomando-se como critério o aparecimento daquela menção em ao menos dois dos autores pesquisados. O quadro, composto então, ficou assim constituído:

- |  |                                       |
|--|---------------------------------------|
| 1. <b>objetividade</b> - 12 menções        | 2. <b>clareza</b> - 10 menções        |
| 3. <b>exatidão/precisão</b> - 9 menções    | 4. <b>veracidade</b> - 7 menções      |
| 5. <b>simplicidade</b> - 6 menções         | 6. <b>concisão</b> - 5 menções        |
| 7. <b>ordem direta</b> - 5 menções         | 8. <b>honestidade</b> - 4 menções     |
| 9. <b>rapidez</b> - 4 menções              | 10. <b>novidade</b> - 4 menções       |
| 11. <b>interesse</b> - 4 menções           | 12. <b>imparcialidade</b> - 3 menções |
| 13. <b>criatividade</b> - 3 menções        | 14. <b>independência</b> - 2 menções  |
| 15. <b>importância</b> - 2 menções         | 16. <b>densidade</b> - 2 menções      |
| 17. <b>sensibilidade</b> - 2 menções       | 18. <b>atualidade</b> - 2 menções     |
| 19. <b>correção gramatical</b> - 2 menções |                                       |

Observe-se que o quadro criado é extremamente confuso do ponto de vista da referência a que cada categoria alude. A observação acurada dessas categorias faz-nos pensar que a maioria dos autores consultados está mais preocupada com a *forma* - aspecto externo do texto - do que propriamente com o seu *conteúdo* - aspecto interno, de relação entre o evento e a sua representação, que é a notícia. Se não, vejamos. Incluem-se na categoria de conteúdo os itens **objetividade**, **exatidão/precisão**, **veracidade**, **imparcialidade** e **criatividade**. Por outro lado,

incluem-se nas categorias formais **clareza, simplicidade, concisão, ordem direta, rapidez e criatividade**. As categorias **honestidade** e **independência** cabem muito mais ao profissional propriamente dito e ao veículo de comunicação do que ao texto jornalístico e, por isso mesmo, não serão consideradas neste estudo.

Essa primeira observação poderia ser enormemente preocupante, se não pudéssemos alcançar uma outra anotação. É que, na organização do quadro, relativamente ao número de menções, aquelas que se referem ao conteúdo, num primeiro momento, alternam-se com as de forma. Ocorre, porém, que a primeira categoria aparece com uma pontuação imensamente superior a todas as demais, e é uma categoria referente ao conteúdo, qual seja, a **objetividade**. Mais que isso, verificamos que, tomadas as seis primeiras categorias (excluindo-se aquela da **honestidade**), vamos encontrar quatro referentes ao conteúdo, **objetividade, exatidão/precisão, veracidade e imparcialidade**, ficando duas outras para a questão da forma, quais sejam, **clareza e simplicidade**.

Um exame ainda mais acurado desse quadro nos indica que **clareza e simplicidade**, embora categorias formais, tendem a auxiliar o desempenho das categorias de conteúdo, em especial a **objetividade** e a **exatidão/precisão**, eis que resultam na **concisão**, categoria formal que se segue às mencionadas até aqui. Efetivamente, um texto **simples e claro** é conciso, e permite que a **objetividade**, a **exatidão**, a **veracidade**, enfim, que resultam na **imparcialidade**, sejam melhor percebidas pelo receptor. Podemos afirmar, portanto, que as categorias **clareza e simplicidade** são menores ou auxiliares das quatro outras. Deveríamos, portanto, refletir mais aprofundadamente a respeito da categoria **objetividade**, para muitos o grande mito da comunicação jornalística.

## II

Pode-se, evidentemente, discutir essa perspectiva.

Em primeiro lugar, afirmando que existem outras categorias não identificadas, ou uma ordem diversa de valorização das mesmas categorias. Seria interessante, por exemplo, questionar-se a **objetividade** sob os mais diferentes aspectos.

Por exemplo, consultar-se não só os textos quanto os profissionais da comunicação, indagando-lhes sobre suas crenças e valores e a prática e/ou preocupação para com a objetividade do texto que escrevem, na azáfama cotidiana de suas tarefas.

Pode-se ainda agregar a consulta aos diferentes *manuals de redação* que hoje abundam em nossas empresas de comunicação, em especial as de jornalismo impresso, desde aquele pioneiro da Folha de São Paulo, até o de O Globo, segundo muitos, o mais comprometido com determinadas ideologias e interesses alheios aos do próprio jornalismo<sup>ix</sup>.

Terceira hipótese de trabalho, questionar a **objetividade** enquanto categoria teórica, ideal e utópica, e a sua concretude nos textos jornalísticos cotidianos, verificando o que se diz a seu respeito.

Enfim, quarta hipótese, poder-se-ia refletir a respeito da maneira pela qual se constrói e/ou se reconhece a **objetividade** de um texto jornalístico, o que significaria, antes de mais nada, termos acesso ao evento primordial, examinando-se, posteriormente, todas as versões - isto é, as diferentes representações do mesmo que encontrássemos nos múltiplos textos jornalísticos que o abordassem. Isso exigiria, certamente, uma pesquisa nos moldes daqueles preconizados pelo *newsmaking*, porque precisaria ser uma pesquisa participante.

Tomo a primeira variante do trabalho. Novas categorias surgem na medida em que o jornalismo evolui formalmente, sobretudo com os fenômenos contemporâneos que Renée Dreyfuss recentemente identificou como *teleinfocomputrônica*<sup>ix</sup>. Por exemplo, a **instantaneidade** da comunicação é uma nova categoria, cada vez mais importante. Nos recentes estudos de *newsmaking*, afirma-se que um dos principais critérios de *noticiabilidade*, diretamente vinculado ao material disponível, é a questão da acessibilidade do acontecimento ao jornalista. Deve-se ter em conta a fragmentariedade da informação jornalística no mundo contemporâneo. Por conseguinte, não só "as notícias devem referir-se a acontecimentos o mais possível em cima do momento da transmissão do noticiário"<sup>ix</sup>, quanto se cria, de certo modo, um *ciclo informativo* que depende da facilidade/dificuldade de acesso do profissional à área do acontecimento, a disponibilidade de instrumentos técnicos ou tecnológicos capazes de permitir a transmissão da informação e, enfim, mas não menos importante, o tempo necessário para que todas essas operações se concretizem.

É claro que, em sendo um critério adjetivo da informação, não-essencial, porque não diretamente vinculado ao próprio acontecimento, poderá ser superado imediatamente por qualquer outro critério essencial diretamente vinculado ao mesmo, dentre todos aqueles que Wolf<sup>ix</sup> relaciona, como o grau e nível hierárquico dos personagens; impacto sobre o receptor e

sobre o interesse nacional e/ou social; quantidade de personagens envolvida; relevância e significado do acontecimento quanto a seus desdobramentos, etc.

Este último elemento, especialmente, pode estar diretamente ligado à questão da **instantaneidade**. Tomemos o exemplo de uma guerra, podendo se escolher entre o Golfo Pérsico ou Kosovo. A cobertura dos acontecimentos exige a **instantaneidade**, mas há uma preocupação evidente com a censura ou o corte das comunicações, justamente por estar a área conflagrada. Por conseqüência, há que se avaliar a perspectiva de continuidade da cobertura ou não, sob o risco de se dar uma primeira série de informações e, repentinamente, ficar-se sem a possibilidade da **suíte**, uma das categorias - aliás, não listadas aqui - mais importantes no jornalismo contemporâneo.

Outra categoria que vai se impondo, intimamente ligada à anterior, é a **praticidade** da cobertura jornalística a ser efetivada. Por incrível que possa parecer, ainda que melhorem cada vez mais os padrões de acessibilidade a qualquer ponto do mundo, a categoria **praticidade** torna-se cada vez mais problemática, justamente pela difusão das tecnologias e, por conseqüência, dos indivíduos ou empresas capazes de dar cobertura a um evento. Por questões de **praticidade**, assim, as agências internacionais cortam pontos de referência e de bases de informação, valendo-se cada vez mais de intermediários. Esses, por seu lado, por estarem geograficamente menos centralizados, desenvolvem relações mais estreitas com as fontes e os personagens de determinados acontecimentos. Em conseqüência, acontecimentos que poderiam ou até deveriam ser informados, terminam por sofrer a censura ou cooptação de autoridades e outros, menos significativos, ou tendem a ser elevados à condição de **noticiabilidade**, do ponto de vista regional, sem que sejam, efetivamente, sob o aspecto global, efetivamente *noticiáveis*. A **praticidade**, assim, refere-se à relação equilibrada entre o investimento necessário, pelo órgão de informação, para a cobertura de determinado evento; sua efetiva cobertura, e a transformação do material informativo recolhido em texto jornalístico, aí compreendido tanto o texto literal quanto o ilustrativo.

Por fim, na condição de novas categorias, do ponto de vista formal, surge a do **padrão impresso**, a que melhor poderíamos designar como **identidade visual**, sendo aquela capaz de permitir o imediato reconhecimento do veículo, por parte do receptor, a partir dos elementos externos à própria informação: cabeçalho de denominação, padrão gráfico de diagramação, utilização de fotografia e distribuição do texto, dimensões da folha, característica das famílias dos corpos de composição, etc., valendo o mesmo para os jornais *on line* que hoje se difundem em

profusão pelas redes internacionais, devendo-se, então, acrescentar a facilidade de navegação; a acessibilidade das portas disponíveis para outras fontes informativas; a capacidade de interatividade; a possibilidade de leitura múltipla dos textos originais e sua interligação com outros, capazes de atender à demanda do *efeito de enciclopédia*, já identificado por Wolf<sup>ix</sup>, resultante dos processos de *acumulação, consonância e onipresença*.

### III

Passemos, então, à segunda questão levantada: indagar dos jornalistas se eles mesmos se preocupam com a categoria **objetividade**, que foi aquela mais mencionada nos livros teóricos, diga-se de passagem, firmados em boa parte por autores que são, também, profissionais do jornalismo<sup>ix</sup>. Para tanto, escolhi a recente edição do jornal laboratório da Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero, de São Paulo, relativa ao mês de setembro de 1999, porque apresenta, sob a *chamada* geral de Imprensa - o eterno retorno, uma série de interessantes entrevistas com alguns dos principais profissionais de nosso jornalismo. A edição faz um verdadeiro balanço histórico do jornalismo brasileiro, incluindo entrevistas com profissionais como Caco Barcellos, Roberto Cabrini, Cláudio Tognolli, Otávio Frias Filho, Carlos Eduardo Lins da Silva, Clóvis Rossi, Élio Gaspari, Mino Carta, Ricardo Kotscho, Maurício Loureiro Gama, Ruy Castro, Hélio Fernandes e Joel Silveira.

Embora correndo o risco da "interpretação" incorreta, procurei levantar, da leitura do material, traduzindo-o nas categorias já sugeridas, ou outras, capazes de integrar-se ao rol daquelas, os elementos destacados por cada um daqueles profissionais. Cheguei, assim, a uma relação que se apresenta da seguinte maneira:

- |  |                                    |
|--|------------------------------------|
| 1. <b>veracidade</b> - 4 menções --    | 2. <b>objetividade</b> - 4 menções |
| 3. <b>independência</b> - 4 menções -- | 4. <b>ética</b> - 3 menções        |
| 5. <b>empatia</b> - 3 menções --       | 6. <b>novidade</b> - 3 menções     |
| 7. <b>criatividade</b> - 3 menções     |                                    |

FIGURA II

Todas as demais categorias tiveram uma única menção. Das aqui destacadas, verificamos que **veracidade** e **objetividade** estão diretamente vinculadas ao aspecto de conteúdo do texto, enquanto que **independência** se liga à atividade do próprio jornalista. Por outro lado, **novidade** e **criatividade** igualmente estão ligadas ao aspecto formal do texto, enquanto que **ética** e **empatia** também se voltam para o profissional. Devemos, portanto, refazer a lista da maneira seguinte:

- |                                    |                                    |
|------------------------------------|------------------------------------|
| 1. <b>objetividade</b> , 4 menções | 2. <b>veracidade</b> , 4 menções   |
| 3. <b>novidade</b> , 3 menções     | 4. <b>criatividade</b> , 3 menções |

### FIGURA III

Cruzando, agora, esses dados, com a listagem anteriormente construída, verificaremos que **objetividade** foi também a mais lembrada antes (12 menções), e que **veracidade** igualmente teve alto coeficiente (7 menções). Já **novidade** e **criatividade** tiveram menor importância (4 e 3 menções, respectivamente), indicando, como uma possível conclusão - parcial e provisória - dessa pesquisa experimental, que, efetivamente, **objetividade** e **veracidade** sejam duas das categorias mais importantes para o jornalismo, ambas ligadas ao conteúdo do texto jornalístico, por mais difíceis de serem atingidas, por mais polêmicas e problemáticas que se apresentem, reais ou míticas, mas sempre presentes no horizonte do discurso jornalístico contemporâneo, quer de seus estudiosos ou teóricos, quer de seus praticantes.

### IV

Examinemos, agora, o que dizem os manuais de redação em vigor no Brasil. Os manuais surgem, em nosso país, na década de oitenta, começando pelas emissoras de rádio e de televisão, e só depois encontrarão eco junto às redações dos jornais. Chama a atenção esta situação, pelo fato evidente de que a técnica de jornalismo está na base de todas as práticas específicas da informação, sejam elas as da imprensa, propriamente dita, ou do rádio e/ou televisão. Mas foi assim que ocorreu entre nós, provavelmente devido à existência de uma mais forte competição na mídia eletrônica.

Dos manuais consultados, o mais antigo é o de Maria Elisa Porchat, para a Rádio Jovem Pan<sup>ix</sup>. Neste volume, reconhece-se que o rádio se caracteriza pela *prestação de serviços* (p. 25) e

deve buscar, incessantemente, **credibilidade** (p. 29 e ss.), mediante a **isenção** (p. 30) e a **nitidez** (p. 93). Para tanto, o texto radiojornalístico deve ter **simplicidade** (p. 93), **síntese** (p. 98), **precisão** (p.100), **repetição** (p.103) e **correção** (gramatical - p. 105).

Uma década depois, Luciano Klöckner produz outro manual para uma emissora, a Rádio Gaúcha<sup>ix</sup>. Nesta obra, desde logo o autor firma posição em torno da **objetividade**, **clareza** e **concisão** (p. 17), desdobrando, posteriormente, estes quesitos, em **exatidão**, **clareza**, **concisão** e **elegância** (p. 28), insistindo, ainda, na **imparcialidade** (p.70), **novidade** (p. 70) e **naturalidade** (p. 71), no caso, referindo-se à voz do locutor.

Quanto à televisão, o manual pioneiro é o de Vera Íris Paternostro<sup>ix</sup>, que não está vinculado especificamente a nenhuma emissora, mas parte, de qualquer modo, da múltipla experiência profissional da autora. Aqui, encontramos, destacados, os conceitos de **coloquialismo**, **clareza**, **precisão**, **objetividade**, **ordem direta**, **informatividade**, **simplicidade** e **pausado** (p.42), no caso da leitura do texto, a que, depois, se acrescenta a **concisão** (p. 57).

Outro autor que trabalha o texto telejornalístico é Pedro Maciel, em livro igualmente produzido quase uma década depois<sup>ix</sup>. Neste estudo, destaca-se o **coloquialismo** (p. 31) e, tomando-se como referência manuais da TV Globo e do SBT, fala-se em **isenção**, **informação** (p. 89) e **objetividade** (p. 93).

No que toca aos manuais de redações jornalísticas, o mais antigo parece ser o da Folha de São Paulo. A primeira edição deste manual é de 1984, seguindo-se uma segunda versão em 1987<sup>ix</sup>. Hoje em dia, circula o **Novo manual da redação**, em oitava edição<sup>ix</sup>. Dentre os verbetes que integravam a seção denominada "política editorial", que abria a edição de 1987, tinha-se **apartidarismo**, **equidade**, **exatidão**, **jornalismo crítico**, **objetividade** e **transparência**. No manual mais recente, surge o verbe *ética*, significando "compromissos com a isenção na cobertura dos fatos, a liberdade de expressão, o direito de informar e o acesso do leitor a toda informação ou opinião importante"(p. 17). Logo depois, outro verbe, *jornalismo crítico*, já encontrável na edição anterior (p. 18), **objetividade** e **transparência**. Desapareceu, nesta nova edição, o verbe **exatidão**, que permanece, contudo, em outra parte da obra, a de "produção" (p. 33), com a mesma redação do verbe da edição anterior, assim como em outras, como aquela referente ao "texto", mostrando, em última análise, o quanto ela é valorizada pela equipe da Folha. Na verdade, se consultarmos o índice remissivo, descobriremos que **exatidão** aparece 22 vezes listado; **objetividade**, dez vezes; **ética** ou **eticidade**, duas vezes; **imparcialidade**, três



vezes; **precisão**, oito vezes; **isenção**, duas vezes; **clareza**, oito vezes; **concisão**, 21 vezes; **simplicidade** e **ordem direta**, uma só vez cada qual. Trata-se das categorias que, como temos visto, são as mais mencionadas em todos os estudos e depoimentos, motivo pelos quais as buscamos então.

Também a Editora Abril, responsável pela edição da revista semanal Veja, é das pioneiras na fixação desta orientação. Seu **Manual de estilo** data de 1990<sup>ix</sup>. É dos menores volumes dentre todos os consultados. Valoriza, desde suas primeiras páginas, a **clareza** e a **precisão**, além do **bom gosto** (p. 11). Salvo este registro inicial, contudo, a obra está mais preocupada com a forma do texto do que com o seu conteúdo.

Dos manuais disponíveis hoje, destacamos o **Manual de redação e estilo**, de Eduardo Martins, para o jornal O Estado de São Paulo<sup>ix</sup>. Nele, encontramos os itens **clareza**, **precisão**, **ordem direta**, **objetividade** e **concisão** (p. 16), referindo, depois, a **simplicidade** (p.16) e a **imparcialidade** (p. 18).

Quanto a O Globo, desde 1985 o jornal já possuía manuais internos, mas aquele que hoje está editado e circula nacionalmente vem assinado por Luiz Garcia<sup>ix</sup>. Depois de destacar que um bom texto jornalístico deve ter equilíbrio entre a qualidade do texto e a da apuração da informação (p. 9), reconhece a importância das categorias **exatidão**, **clareza** e **concisão** (p. 15).

O fazer jornalístico (p. 13) refere depois os conceitos de **imparcialidade** (p. 17) e **precisão** (p. 19) como aqueles que maior ênfase recebem na redação.

Cruzando estes conceitos, encontraremos o seguinte quadro:

- |  |   |
|--|---|
| 1. <b>precisão, exatidão</b> - 8 menções | 2. <b>objetividade</b> - 6 menções            |
| 3. <b>clareza</b> - 5 menções            | 4. <b>imparcialidade, isenção</b> - 4 menções |
| 5. <b>concisão</b> - 4 menções           | 6. <b>simplicidade</b> - 3 menções            |
|  | 7. <b>ordem direta</b> - 2 menções            |

FIGURA IV

Não consideramos, na análise, aquelas categorias aplicáveis especificamente a um determinado tipo de jornalismo como, por exemplo, o **coloquialismo**, com duas menções, exclusividade do rádio e da televisão, mais desta última do que daquele.



Recruzando, então, este com o quadro que tínhamos anteriormente, verificamos, até com certa surpresa, porque ele resulta fundamentalmente da *atividade prática* da informação jornalística, que o mesmo se dirige muito mais ao *conteúdo* do texto do que a sua *forma*. Assim, embora a **objetividade** apareça em segundo lugar, com quatro menções, tanto as categorias **precisão/exatidão**, quanto **imparcialidade/isenção**, estão umbilicalmente a ela ligadas. Assim, combinados os dois quadros ( figuras 3 e 4), podemos, simplificarmente, chegar ao seguinte resultado:

- |                                     |   |
|-------------------------------------|---|
| 1. <b>objetividade</b> - 14 menções | 2. <b>precisão, exatidão</b> - 10 menções     |
| 3. <b>clareza</b> - 6 menções       | 4. <b>imparcialidade, isenção</b> - 4 menções |
| 5. <b>veracidade</b> - 4 menções    | 6. <b>concisão</b> - 4 menções                |
| 7. <b>novidade</b> - 3 menções      | 8. <b>simplicidade</b> - 3 menções            |
| 9. <b>criatividade</b> - 3 menções  | 10. <b>ordem direta</b> - 2 menções           |

#### FIGURA V

Observe-se que este resultado recoloca o problema sob novo prisma. A prioridade absoluta está, agora, dirigida para a relação de *conteúdo* entre o acontecimento e a notícia. Das cinco primeiras categorias, quatro apontam para isso: **objetividade**, **precisão/exatidão**, **imparcialidade/isenção** e **veracidade**. Em meio a elas, dividindo exatamente o bloco, encontramos, contudo, a **clareza** que tem, na verdade, uma relação umbilical com as demais, ainda que aparente estar ligada apenas à *forma*. Só depois surgem as outras cinco, que estão a indicar a preocupação com o acabamento do texto. Ainda assim, uma categoria como **concisão**, por certo ajuda muito quanto ao conteúdo, porque evita ambigüidade, tanto quanto a própria **clareza**, **simplicidade** e **ordem direta**. Pode-se, assim, verificar que apenas **novidade** e **criatividade** prendem-se exclusivamente ao aspecto mais externo da informação jornalística.

Nosso desafio, contudo, ainda não concluiu. A próxima etapa de estudo será reler todo o material pesquisado, buscando compreender o significado que este conceito - **objetividade**, o mais mencionado em todos esses múltiplos levantamentos - traz para o autor e/ou profissional consultado. É muito provável que experimentemos algumas surpresas na potencial variação em que o mesmo conceito pode se traduzir de um para outro estudioso.

Alceu Amoroso Lima<sup>ix</sup> afirma que "a objetividade é outro traço natural do jornalismo (...) O importante é manter contato com o *fato*. Tudo o mais deriva daí (...) O primado do objeto, pois, é soberano no jornalista. O jornalista que divaga em torno do fato ou o deturpa, toma-o apenas como pretexto, generaliza facilmente, ou está mal-informado, não é um bom jornalista (...) Essa objetividade, junto às qualidades anteriormente analisadas, é que determina as características intrínsecas do *estilo jornalístico*".

Já para Élcias Lustosa<sup>ix</sup>, a objetividade tem a ver com a narrativa do "fato principal. Nada de supervalorização de detalhes que terminam confundindo o leitor. O autor, contudo, se defende a **objetividade**, descrê da **imparcialidade**: "a imparcialidade e a impessoalidade jamais ocorreram efetivamente no jornalismo. Nos anos 1950, os jornalistas, com raras exceções, assumiram a pregação da imparcialidade como princípio ético e moral do jornalismo, embora praticassem exatamente o contrário" (p.21). Por isso mesmo, o capítulo em que encontramos essa passagem denomina-se "O mito da imparcialidade", que continua: "É razoável concluir que, por sua origem e pelos seus defensores, a imparcialidade não passava, e não passa ainda hoje, de mera retórica, sendo usada para preservar o discurso e os interesses do próprio veículo" (p. 22). Observa-se, assim, que o conceito de **objetividade**, para este autor, desloca-se do *conteúdo* explícito para a *forma* de apresentação do texto, ao contrário de Alceu Amoroso Lima, que não chega a fazer tal distinção.

No caso de Juarez Bahia, "uma informação objetiva é uma informação fiel ao que relata, precisa no que diz. Em sentido mais amplo, objetividade significa apurar corretamente, ser fidedigno, registrar as várias versões de um acontecimento. É também ser criterioso, honesto e impessoal. É publicar a notícia e identificar a sua fonte, se não houver impedimento"<sup>ix</sup>. Logo depois, contudo, ele menciona alguns obstáculos para que se atinja ou mantenha a objetividade, tais como a formação cultural ou a arrogância do profissional, ligando-a, ao mesmo tempo, à ética e à diferenciação ao jornalismo *amarelo*, sob cuja característica nasceu a imprensa ocidental, especialmente a dos Estados Unidos (p.14). Poucas páginas adiante, quando enfoca a

**imparcialidade**, coloca-a igualmente em dúvida, e afirma que "a imparcialidade é para o jornalismo um ideal, como a honestidade, a exatidão, a veracidade, a responsabilidade, a objetividade, etc." (p. 16). Entende que, a partir destas características, chegar-se-ia mais facilmente à **imparcialidade**.

Para Luiz Amaral, "a objetividade economiza tempo e páginas"<sup>ix</sup>, já que "o cuidado na apuração e apresentação da notícia é a marca do grande jornalista". José Marques de Melo, por seu lado, entende que a objetividade está ligada à fidelidade com que o jornalista retrata a realidade, mas reconhece que, na prática, é um "mecanismo de síntese", sendo que a "objetividade se converteu em sinônimo de verdade absoluta e é vendida como ingrediente para camuflar a tendenciosidade que existe no cotidiano dos veículos de comunicação"<sup>ix</sup>.

Para Carlos Alberto Di Franco, trata-se de "fidelidade à verdade dos fatos: esse é o teste de qualidade do jornalismo competente"<sup>ix</sup>. Em outra passagem, ele vincula essa perspectiva à da imparcialidade (p. 95), mostrando que "a batalha da isenção enfrenta a sabotagem da manipulação deliberada, da preguiça profissional e da incompetência arrogante"(p. 95).

Mário Erbolato, em seu livro já clássico, afirma que "outra característica da notícia é a objetividade. Deve ser publicada de forma sintética, sem rodeios e de maneira a dar a noção correta do assunto focalizado"<sup>ix</sup>. A objetividade está, contudo, ligada à fidelidade e à clareza e, por isso, sintetiza o conceito, que reconhece controverso e difícil de ser explicitado, afirmando que "só se considera completa uma notícia, quando ela proporciona ao leitor a idéia exata e minuciosa sobre um acontecimento" (p. 52).

Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari acrescentam detalhe importante à questão: "não é bastante ser verdadeira; reportagem tem que *parecer* verdadeira - ser verossímil"<sup>ix</sup>. Os autores salientam que o texto deve se preocupar em "produzir determinado efeito, mas a partir de dados fornecidos pelo próprio real" (p. 123). É claro que eles já estão a se referir a práticas mais contemporâneas de jornalismo, especialmente a partir do chamado *new journalism* norte-americano, ampliando seu estudo muito mais para a reportagem, que é sobre o que fala seu livro, do que apenas sobre a notícia, pura e simples.

Baseando-se em Adelmo Genro, nem Nilson Lage ou Eduardo Meditsch admitem objetividade ou imparcialidade na comunicação jornalística<sup>ix</sup>.

Na verdade, também outros autores, como o populíssimo Natalício Norberto, ou, mais recentemente, Cremilda Medina ou Manuel Carlos Chaparro, deixam de mencionar a categoria **objetividade** em seus textos.

No que toca aos estrangeiros, um clássico dos estudos jornalísticos nos Estados Unidos, Frazer Bond, afirma que "o esforço pela exatidão imparcial é uma das medidas da qualidade jornalística"<sup>ix</sup>. Mais adiante, ele enfoca especificamente a **objetividade**, lembrando que "a matéria mais interessante que lemos, diariamente, são as cartas que nos chegam pelo correio. Por quê? Achamos interessantes porque são dirigidas diretamente a nós. Seu pensamento é direto. Observe-se a maneira objetiva como as sentenças se desenvolvem, nas cartas. Cada parte concorre de sua letra maiúscula ao seu ponto final, sem interrupções, para trazer-nos sua mensagem. Os escritores podem assimilar esta objetividade ao seu estilo jornalístico (p. 83). Assim, a **objetividade** transforma-se numa capacidade de dirigir-se diretamente ao leitor, portanto, uma vez mais, uma questão de *forma*, menos que de *conteúdo*.

Um seu colega mais recente, Douglas Wood Miller<sup>ix</sup>, afirma sobre a **objetividade**: "Esta qualidade de estilo é a reflexão do ponto de vista do escritor. O ideal jornalístico de bom desenvolvimento exige não apenas que o repórter, na busca e seleção de suas informações, ouça os dois lados da história, como a frase de sua narrativa não deve vir colorida por suas opiniões. A expressão direta da opinião é perturbada em todas as narrativas (...) que contenham, por exemplo, verbos capazes de quebrar a imparcialidade".

Quanto aos autores espanhóis com que trabalhei, seja o mais antigo, como Gonzalo Martin Vivaldi, seja o mais recente, como Ángel López García, igualmente passam por cima da categoria.

Assim, o último passo que havia sugerido como proposta desse estudo, como se constrói e/ou reconhece a **objetividade** jornalística, que se coloca, com clareza, como a grande categoria de nosso jornalismo, torna-se, gradualmente, um grande ausente. Melhor, definitivamente, uma espécie de **mito** do ensino jornalístico entre nós. Basta referir o verbete do **Novo manual de redação** da Folha de São Paulo: "**Objetividade** - não existe objetividade em jornalismo. Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções. Isso não o exime, porém, da obrigação de ser o mais objetivo possível. para relatar um fato com fidelidade, reproduzir a

forma, as circunstâncias e as repercussões. O jornalista precisa encarar o fato com distanciamento e frieza, o que não significa apatia nem desinteresse<sup>ix</sup>.

Em seguida, o verbete remete para outras referências, dentre as quais **exatidão**. Quanto à notícia em si, eis o que o **manual** anota: "**Notícia** - Puro registro dos fatos, sem opinião. A exatidão é o elemento-chave da notícia. Mas vários fatos descritos com exatidão podem ser justapostos de maneira tendenciosa. Suprimir ou inserir uma informação no texto pode alterar o significado da notícia" (p. 38). O verbete remete o leitor, uma vez mais, à **exatidão**.

Como referi antes, necessitaria de uma pesquisa de ação participante, nos moldes daquela apregoada pelo *newsmaking*, para poder configurar, corretamente, a atualidade e a operacionalidade do conceito **objetividade**. Chama a atenção, de um lado, sua incidência nas obras e nos depoimentos, em especial de jornalistas profissionais. De outro, o crescente questionamento que os novos manuais, pedagógicos ou de redação, apresentam sobre tal categoria. Por isso mesmo, penso que sejam extremamente importantes as sugestões contidas no livro de Maurice Mouillaud e Sérgio Dayrell Porto, **O jornal: da forma ao sentido**<sup>ix</sup>, em especial nos textos de Zélia Leal Adghirni, Vera Regina Veiga França, Antonio Fausto Neto ou Luiz Signates, dentre outros.

Esta pesquisa, tentativa de levantamento do que se diz a respeito de **objetividade**, mostra não apenas a sua ambigüidade, quanto a sua crescente desvalorização científica e relativização. Mas, ao mesmo tempo, evidencia que ela continua mitificada em vários segmentos, tanto dos profissionais, quanto da opinião pública.